

**METAPLASMOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
DO CHICO BENTO: UMA ANÁLISE
SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Heloisa Helena Pereira Fontes (UNIGRANRIO)

heloisapfontes@gmail.com

Lilia Aparecida Costa Gonçalves (UNIGRANRIO)

liliacgoncalves@gmail.com

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)

professorvilaca@gmail.com

RESUMO

O estudo da variação linguística deve ser feito de maneira contínua e esclarecedora a fim de refletir sobre fatores de ordem histórico, social e cultural que influenciam nas mudanças que ocorrem na linguagem e, conseqüentemente, podem gerar preconceito com pessoas que utilizam uma determinada variação da língua. O objetivo do presente artigo é identificar vários metaplasmos que ocorrem na produção de certas palavras no dialeto caipira e, posteriormente, refletir sobre o preconceito linguístico que coloca o falante dessa variante em posição de desprestígio. Para isso, partindo de pressupostos da gramática histórica da língua portuguesa e da Sociolinguística, será feita a análise de quadrinhos do personagem Chico Bento, desenvolvido por Maurício de Sousa e disponível na *internet*.

Palavras-chave:

Metaplasmos. Preconceito Linguístico. Variação Linguística.

ABSTRACT

The study of linguistic variation must be carried out in a continuous and enlightening way in order to reflect on historical, social and cultural factors that influence the changes that occur in language and, consequently, can generate prejudice against people who use a certain language variation. The objective of this article is to identify several metaplasms that occur in the production of certain words in the caipira dialect and, later, to reflect on the linguistic prejudice that puts the speaker of this variant in a position of discredit. For this, based on assumptions of the historical grammar of the Portuguese language and Sociolinguistics, we will analyze comics of the character Chico Bento, written by Maurício de Sousa, which are available on the internet.

Keywords:

Methaplasms. Language prejudice. Language variation.

1. Introdução

A heterogeneidade da língua é algo indiscutível. Diversos aspectos fazem com que a língua esteja em constante mudança e desenvolvi-

mento. Temos aqui uma mistura de Europa, África, Ásia e Américas, um pouco de cada cultura, cor de pele e não podia faltar um pouco do traço de cada falante desses países. Essa mistura faz da nossa língua um objeto de estudo perfeito, cheio de brechas a serem invadidas e cheia de novas falas a serem conhecidas. De norte a sul, o Brasil mostra as suas variações na fala, e nos faz um país rico de histórias, cultura e beleza.

Segundo Câmara Junior (1979), a língua aparece na comunicação por meio da fala com a qual os homens se comunicam uns com os outros, e, através desses sons vocais, transmitem ideias, impressões e sentimentos. Ainda segundo o autor, a língua não é homogênea e representa a cultura de um povo.

Na visão de Belini (2004), numa mesma língua, uma mesma palavra pode ser pronunciada de diferentes formas, podendo afetar ou não em seu léxico. Diferenças lexicais, fonéticas, morfológicas e sintática contribuem diretamente para a existência das variações. A língua portuguesa, assim como outras línguas naturais, apresenta alto grau de diversidade e de variabilidade que ocorrem por diferentes fatores, podendo variar de acordo com a região, sexo, nível social e cultural.

Neste sentido, a partir do reconhecimento da natureza viva de uma língua, a sua variabilidade pode ser, de forma ampla, analisada em duas dimensões: sincrônica e diacrônica. A primeira dimensão, sincrônica, é discutida na literatura especializada como variação linguística. Esta variação pode ser motivada por fatores internos à língua, como à diversidade estrutural e de uso e a fatores extralinguísticos que envolvem a complexa e dinâmica relação entre usuário, contexto, finalidades e interlocutor. Os aspectos que influenciam a variação linguística são inúmeros, nos quais se incluem características sociais, níveis de formalidade, grau de formação acadêmica, propósito do texto, entre muitos outros. Algumas variantes são consideradas prestigiadas e outras são desprestigiadas. No caso dos registros, é mais comum que estes sejam vistos como mais ou menos adequados à situação de uso.

O falante antecede à gramática. A gramática é um registro da língua, que se faz viva pelos falantes. Dependendo da perspectiva gramatical adotada, descritiva ou prescritiva, busca-se apontar quem teria o papel central: a gramática normativa ao direcionar o falante? Ou o falante a dar vida à língua e permitir que essa seja múltipla. No caso dos estudos linguísticos, a abordagem é descritiva. Neste sentido, a gramática registra o que os falantes realizam com a língua. Quando está em foco uma pers-

pectiva prescritiva, é a gramática que dita as regras aos falantes, apondo como a língua deve ou pode ser empregada.

Na primeira, a abordagem descritiva, a gramática dá liberdade ao falante para usar a sua língua e, assim, manter a língua viva e pulsante. Na segunda, a prescritiva, a gramática, de certa forma, aprisiona o falante e determina uma possível consequência ou condenação ao usuário, caso acabe por desprezar as normas. Neste último caso, uma das consequências, conforme veremos adiante, é o preconceito linguístico, que, na prática, vem muitas vezes acompanhado de outros preconceitos e julgamentos.

Trask (2004, p. 202) afirma que “um dos fatos fundamentais a respeito das línguas vivas é que elas estão sempre mudando”. O estudo diacrônico das transformações de uma língua é tratado como mudança linguística. No primeiro caso, concentramos a nossa atenção aos diferentes usos de uma língua em um mesmo momento histórico. No estudo diacrônico, buscamos entender os caminhos percorridos por uma língua ao longo do tempo (Cf. DUBOIS, 2001; TRASK, 2004).

Na área das ciências da linguagem, há uma denominada Sociolinguística. A Sociolinguística é uma vertente da linguística, que estuda a relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se na variação social da língua, dentro de todos os seus aspectos culturais, geográficos e econômicos. Tais comportamentos linguísticos ocorrem também por consequências de disfunções do aparelho fonador que, muitas vezes, são tratadas como “erro” do uso “correto” da língua.

Em Cagliari (2002), encontramos descrições e análises diferenciadas de ordem linguística em bases articulatórias nas quais são realizadas as interpretações fonológicas. No nível fonético, também conseguimos reconhecer as diferenças de fala que, geralmente, estão associadas a fatores sociais específicos. Levando em consideração a extensão territorial do nosso país e a diversidade cultural, tais variações devem ser estudadas, reconhecidas e respeitadas em todos os âmbitos da sociedade.

A busca incessante pelo conhecimento e aceitação da variação linguística tem sido foco do trabalho de muitos linguistas e pesquisadores da área. Para Bagno (2005) é preciso reconhecer a verdadeira diversidade linguística existente no Brasil, a fim de superar preconceitos e resistências sobre as variações linguísticas. Os quadrinhos da “Turma da Mônica”, de Mauricio de Sousa, apresentam a variação linguística ao trazer o dialeto caipira, presente nos quadrinhos do Chico Bento, carregado de

metaplasmos fonológicos comuns entre os falantes de cidades do interior.

Dessa forma, o presente trabalho busca identificar, descrever e analisar as ocorrências dos metaplasmos nas falas dos personagens Chico Bento e Cebolinha, demonstrando como as variações linguísticas estão presentes nos quadrinhos de Mauricio de Sousa, reconhecendo que os metaplasmos são modificações que as palavras sofreram durante a sua evolução, sendo essas alterações apenas fonéticas, conservando o significado real da palavra.

2. A variação linguística

Entender os fenômenos existentes na fala é de suma importância para que não haja preconceitos e distinção de uma comunidade por sua variedade linguística. Estudos sobre variação linguística ajudam a entender a heterogeneidade da língua e a forma na qual a comunicação se estabelece entre os mais diversos grupos de falantes. Para Câmara Junior (2011), variação é a “consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. A variação linguística é um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas que são denominadas variantes.

Observar a língua como uma atividade social faz com que possamos entendê-la como intrinsecamente heterogênea, instável e que se desconstrói e reconstrói a todo momento. A variação da fala, muitas vezes, é vista como um problema a ser solucionado, no entanto, na concepção sociolinguística, as variedades linguísticas não acarretam danos para a unidade da língua, não podendo, dessa forma, seu uso ser ignorado ou reprimido. José Saramago, escritor português, em um depoimento para o filme *Língua: vidas em português*, disse: “Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. O escritor faz entender que essa heterogeneidade existente é resultado da sociedade também heterogênea na qual estamos inseridos.

Segundo F. Tarallo (1986), “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Este processo acontece porque houve inicialmente uma variação. Aceitar esse movimento não uniforme que a língua desenvolve é acreditar na evolução da língua assim como na evolução humana. Não podemos, em uma sociedade tão variada, impor a cobrança de uma língua engessada que cria barreiras de comunicação estabelecen-

do diálogos unilaterais.

A Sociolinguística defende que essa heterogeneidade da língua não é aleatória e que essas variações no ato da fala são completamente organizadas e condicionadas por diferentes fatores. Além disso, os estudos sociolinguísticos são embasados em pesquisas realizadas com entrevistas de campo, com participantes de comunidades de fala diversas, levando em conta diferentes contextos sociais, regionais e socioeconômicos. Deve-se criar, com esses estudos, uma consciência linguística de respeito a essas dissimilaridades da fala.

Bortoni-Ricardo (2004), aponta fatores que influenciam as variações linguísticas, tais como:

Grupos etários – observa-se que em grupos de pessoas em uma mesma família e geração diferente, os diálogos têm expressões ditas por um grupo etário que não são compreendidas por outro grupo. Um exemplo muito comum são as falas dos avós que, muitas vezes, não são assimiladas, em um primeiro momento, por uma comunidade mais jovem, por exemplo, quando é dito que “fulana é muito mimosa”, significa que a moça é delicada ou bonita.

Gêneros – homens e mulheres têm perfis de fala diferenciados quando relacionados a seus papéis sociais ao qual estão condicionados. Mulheres tendem a utilizar fala no diminutivo e marcadores conversacionais, como as partículas “tá?” e “né?”, que buscam uma aquiescência do interlocutor, enquanto, os homens, usam expressões mais rudes.

Status socioeconômicos - diretamente ligados a desigualdade na distribuição de bens materiais e culturais. No Brasil, onde existe uma disparidade na distribuição de renda, o fator socioeconômico nos leva diretamente ao preconceito linguístico que é praticado abertamente pelas classes mais abastadas, em cima de classes menos favorecidas economicamente.

Grau de escolarização – diretamente ligado ao status socioeconômico, o grau de escolaridade de um indivíduo impacta diretamente na sua fala. Fatores como o tempo e a qualidade de ensino no qual o indivíduo é submetido, colocará o mesmo em uma comunidade de fala específica, mudando assim o status da sua condição linguística. Este fator também é responsável pela disseminação do preconceito linguístico.

Mercado de trabalho – de acordo com sua atividade profissional, o indivíduo se condiciona a um determinado estilo linguístico para atender as necessidades do receptor em questão. Diversas áreas possuem um vocabulário próprio que, necessariamente, será também entendido apenas por um falante com as mesmas habilidades.

Rede social – o indivíduo adota um comportamento linguístico parecido com o das pessoas nas quais ele se relaciona nas redes sociais.

Origem geográfica/regional - comportamento linguístico ocorrente de a-

cordo com a região na qual o indivíduo vive. A variação regional surge com o nascimento de dialetos de uma determinada comunidade de fala, conforme cada região do país. O fenômeno pode ocorrer em regiões do país, dentro do mesmo estado e, inclusive, em diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado. Uma comunidade rural, por exemplo, utiliza variações distintas às de uma comunidade urbana dentro de um mesmo estado.

As diversas variedades linguísticas são produtivas na comunicação verbal e são valorizadas nas comunidades em que são utilizadas. Ao se comunicarem, tanto o emissor quanto o receptor compartilham de um elemento que facilita a compreensão do que está sendo dito. Esse recurso é a norma linguística que ambos adquirem na comunidade de fala que participam. Dessa forma, conforme apontado por Tarallo (1997), entende-se que qualquer língua apresenta um conjunto de variedades que são importantes na identificação de grupos sociais, como também uma possibilidade de delimitar diferenças sociais dentro de uma comunidade.

3. O preconceito linguístico

O preconceito e suas diversas manifestações - preconceito racial, social, religioso, de gênero, sexual, preconceito físico entre outros, tem sido abordado em muitos estudos de diversas áreas do conhecimento. Dentre essas manifestações, no presente trabalho, destaca-se o preconceito linguístico.

Segundo Bortoni-Ricardo (2011) o preconceito é uma questão histórico-social regida por relações de poder. Ele, nada mais é, que, um pré-julgamento utilizado para estigmatizar algo ou alguém, e pode ocorrer em diversos âmbitos. A nossa língua, composta de diferentes variações linguísticas presentes na fala, não fica fora desse julgamento não fundamentado e sofre muito com o que conhecemos como preconceito linguístico, que, segundo o Dicionário Houaiss dá-se por:

Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – ONLINE, verbete preconceito)

Lyons (1968) aponta que a gramática tradicional, comumente estudada nas escolas, estimula os preconceitos sociais e nacionalistas associados à língua. Há uma real dificuldade para ocorrer a libertação do in-

divíduo desses preconceitos e da falsa concepção de que existe apenas uma única língua portuguesa, ou seja, a que é ensinada nas escolas. É justamente esse pensamento que impulsiona o preconceito linguístico.

Na cultura brasileira, o preconceito linguístico é resultado do longo período de colonização do país, onde a formação histórica dá-se pela luta de classes, na qual comunidades socialmente e economicamente dominantes sobrepõem-se a toda população remanescente. Faraco (2002) ressalta que a nossa cultura tem enraizada uma postura purista e normativista que condena qualquer variação que fuja da gramática conservadora. Esse valor atribuído à norma padrão e a desvalorização das variações da fala provocam o desprestígio de toda uma comunidade fazendo que ela sofra repúdio de classes mais abastadas.

De acordo com Bagno (2012), a língua brasileira carrega mitos que são transmitidos e perpetuados na sociedade e, esses mitos fazem do preconceito linguístico um círculo vicioso. Para o autor, três elementos são responsáveis por esse círculo, a gramática tradicional, a metodologia tradicional do ensino e os livros didáticos com abordagens normativos-prescritivos.

Torna-se necessário despertar a consciência da diversidade socio-linguística para reconhecer o caráter heterogêneo da língua a fim de relativizar a noção de certo e errado no uso da língua, demonstrando que não existe erro na fala de comunidades específicas e que o preconceito linguístico nada mais é que uma retaliação ao não cumprimento da gramática normativa por muitos falantes do país. Vale ressaltar que, alguns desses falantes sequer têm acesso a tal gramática e o conhecimento de língua que têm é o realizado em seu ambiente familiar.

Perini (1999) ressalta que pessoas que não tiveram o acesso devido à gramática normativa têm conhecimento inerente da língua. O autor afirma que qualquer falante adquiriu o uso da língua de forma espontânea e chega a compará-la com o ato de andar, não necessitando assim de instruções da escola para realizar tal ato. Desta forma, podemos perceber que a escola, muita das vezes, tenta impor ao falante uma língua comum a todos brasileiros e a utilização da padronização da língua falada assim como existe na modalidade escrita. No âmbito escolar, o uso da língua não se dá somente na oralidade, mas também pela escrita, permeada de regras que muitas vezes não dialogam com o uso feito na fala. Ressalta-se, no entanto, que o preconceito linguístico é inerente a língua falada, não se manifestando com muita incidência na modalidade escrita.

4. Processos fonológicos

A dinamicidade das línguas em se transformar ao longo dos anos resulta no que denominamos de processos fonológicos. Tal fato se confirma diante da pluralidade de línguas que temos em nosso país.

No entanto, o fator histórico não deve ser entendido como único responsável pelas transformações que ocorrem na língua, uma vez que elas continuam a ocorrer na atualidade. Nesse sentido Callou e Leite (2005, p.43) esclarecem que “os processos que produziram mudanças históricas são os mesmos que estamos testemunhando a cada momento hoje.”.

Botelho e Leite (2005, p. 1) corroboram com esse entendimento ao destacarem que essas transformações não são simplesmente resultado da passagem do latim para o português, pois “como podemos verificar na língua atual, estes fenômenos continuam agindo e transformando a língua portuguesa.”. Os autores ainda apontam que algumas dessas formações acabam sendo registradas em dicionários, enquanto outras permanecem apenas em nosso discurso oral.

Na visão de Cagliari (2002), os processos fonológicos dizem respeito às “alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. Tais processos são reconhecidos como operações mentais aplicadas à fala para converter uma sequência de sons, com alguma dificuldade específica a uma comunidade de fala, a uma alternativa idêntica semanticamente, porém com uma estrutura fonética diferente.

A Fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala (Cf. SILVA, 2017). Sendo assim, a fonética faz a descrição real do som emitido pelo falante, levando em consideração as particularidades de pronúncia de cada indivíduo de acordo com a comunidade de fala na qual é pertencente.

Para Câmara Junior (2011), a Fonologia configura o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas. Consequentemente, a fonologia faz a interpretação dos resultados apontados pelas transcrições fonéticas dedicando-se a chegar ao som ideal, abstrato, acima das diferenças individuais de cada indivíduo dentro de sua respectiva comunidade de fala.

Como apontado anteriormente, os processos fonológicos podem

ser percebidos tanto do ponto de vista sincrônico quanto do ponto de vista diacrônico. Tais processos são chamados também de metaplasmos, que significa “mudança de forma”. Metaplasmos são mudanças na estrutura fonética de uma palavra, acarretada por acréscimo, supressão, transposição ou transformação dos sons que a compõem. A riqueza e heterogeneidade da nossa fala nos permite localizar diversos metaplasmos que ocorrem com regularidade e, ainda, perceber mais de um tipo de metaplasmo em uma única palavra.

Veremos, a seguir, alguns dos metaplasmos mais comuns. Eles serão divididos em processos de acréscimos, supressão, transposição e transformação.

A. Metaplasmos por Acréscimo

Os metaplasmos por acréscimo realizam-se quando um fonema é inserido no vocábulo e essa inserção tende a aumentar sua forma fonética. Esse acréscimo pode ocorrer no início, meio ou final da palavra e são categorizados como:

- Prótese – Ocorre quando há acréscimo de segmento sonoro no início de um vocábulo. Ex.: voar > avoar; lembrar > alembiar.

Um caso especial de prótese é a aglutinação. Ex.: a cerca de > acerca de.

- Epêntese – Ocorre quando o acréscimo do segmento sonoro é inserido no meio do vocábulo. Ex.: stella > estrela; humile > humilde.

Dentro da epêntese existe ainda uma modalidade particular chamada Anaptixe ou suarabácti, caracterizada pela inserção de uma vogal para desfazer um encontro consonantal. Ex.: advogado > adevogado/adivogado.

- Paragoge (ou Epítese) – caracteriza-se pelo acréscimo de segmento sonoro no final do vocábulo. Ex.: variz > varize.

B. Metaplasmos por Supressão

Segundo o Houaiss, um dos significados para supressão é “ação ou efeito de suprimir, de eliminar e anular”, desta forma, o metaplasmo por supressão ocorre quando suprimimos um fonema de um vocábulo. São metaplasmos por supressão:

- Aférese – Quando a supressão de um segmento sonoro, ou de uma sílaba, ocorre no início do vocábulo. Ex.: até > té; estava > tava.
- Síncope – Acontece quando a supressão ocorre no interior da palavra. Ex.: príncipe > prínspe; negro > nego. Quando essa supressão acontece na primeira de duas sílabas sucessivas por semelhança sonora, chama-se Haplogia. Ex.: trágico + comédia = tragicocomédia > tragicomédia.
- Apócope – É quando a supressão de um segmento sonoro ocorre no fim

da palavra. Ex.: cantar > cantá; bobagem > bobage.

C. Metaplasmos por Transposição

Os Metaplasmos por Transposição acontecem pelo deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou pela transposição do acento tônico da palavra.

- Metátese – Transposição de um segmento sonoro em uma mesma sílaba de um vocábulo. EX.: perguntar > preguntar; perturbação > preturbação
- Hipértese – Transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra em um vocábulo. Ex.: bicarbonato > bicarbonato, lagartixa > lagartixa
- Hiperbissismo – Quando acontece o deslocamento do acento tônico.

Quando o acento tônico sofre um recuo no vocábulo, é chamado de Sístole. Ex.: pantâno > pântano; rubrica > rúbrica

Já quando ocorre o avanço do acento tônico no vocábulo chamamos de Díástole. Ex.: gratuito > gratuito; opto > opíto.

D. Metaplasmos por Transformação

O fenômeno que ocorre quando um fonema do vocábulo se transforma e passa a ser outro fonema distinto, no lugar do primeiro, é chamado metaplasmo por transformação.

- Vocalização – Ocorre na transformação de uma consoante em vogal. Ex.: facto > feito; capsa > caixa.
- Consonantização – Na contramão da vocalização, a consonantização transforma uma vogal em consoante. Ex.: Iesus > Jesus; uita > vida.
- Degeneração – É a transformação do fonema /b/ em fonema /v/. Ex.: bassoura > vassoura; assobiar > assoviar; arbore > árvore.
- Nasalização – Quando ocorre a transformação de um segmento oral em nasal. Ex.: aipim > aimpim; ignorante > ingnorante.
- Desnasalização – Inverso a nasalização, um segmento nasal passa a ser oral. Ex.: luna > lũa > lua; persona > pessoa > pessoa; homem > home;
- Sonorização (ou Lenização) – Caracterizado como a transformação de um fonema surdo, intervocálico, na consoante sonora homorgânica. Ex.: acutu > agudo; acetu > azedo.
- Despalatização – Transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. Ex.: cabeçalho > cabeçálio (ou cabeçário); Paulinho > Paulim.
- Palatização (ou Palatatização) – Ocorre a transformação de um ou mais segmentos em uma consoante palatal. No português, temos alguns exemplos citados por Bagno (2012):

- [ne, ni] + vogal > [ɲ] (grafada NH): seniore > senhor; vinea > vinha; Antônio > Antonho.
- [le, li] + vogal > [ʎ] (grafada LH): palea > palha; iulio > julho; família > família.
- [de, di] + vogal > [ʒ] (grafada J): hodie > hoje; invidia > inveja.
- [pl, kl, fl] + vogal > [ʃ] (grafada CH, no português): clave > chave; inflare > inchar.
- [kl, pl, gl, tl] mediais > [λ] (grafada LH): oculu > oclu > olho.
- [ske, ski, se, si] > [ʃ] (grafada X): passione > paixão; pisce > peixe.
- [si] + vogal > [ʒ] (grafada J): cerevisia > cerveja; bassium > beijo
- Assimilação – Ocorre com a transformação de um segmento sonoro em outro igual ou parecido pertencente à mesma palavra: ipso > isso. De acordo com Silva (2010), essa assimilação pode ser total (persona > pessoa), parcial (lacte > leite > leite), progressiva (amam-lo > amam-no) e regressiva (captare > catar > catar). Podemos verificar a assimilação em ocorrências como: nasalização de vogais orais quando estão diante de consoantes nasais, como em banha, em que ocorre a assimilação parcial. A redução da terminação de verbo no gerúndio -ndo para -no como em comeno, chamano e correno, caracteriza a assimilação total
- Dissimilação – Quando há a ocorrência de transformação de um segmento sonoro para diferenciá-lo de outro semelhante e existente no mesmo vocábulo. Ex.: pílula > pírua; líliu > lírio; próprio > póprio.
- Metafonia – Ocorrência da alteração do timbre ou altura de uma vogal influenciada pela vogal ou semivogal seguintes. Ex.: feci > fizi > fiz; diferente > deferente;
- Monotongação – É a ocorrência da transformação ou da redução de um ditongo em vogal. Ex.: doutor > dotor; roupa > ropa.
- Ditongação – Ao contrário da monotongação, a ditongação promove a transformação de uma vogal ou de um hiato em ditongo. Ocorre também a transformação de hiato em ditongo. Ex.: bandeja > bandeija; gás > gáis; nós > nós.
- Lambdacismo – Cenário onde ocorre a transformação do fonema /r/ em /l/. Ex.: cérebro > célebro; freio > fleio.
- Rotacismo – Quando ocorre a transformação do fonema /l/ em /r/. Ex.: Cláudia > Cráudia; alpiste > arpiste.

Os metaplasmos, por serem alterações fonéticas que podem ser estudadas e verificadas na evolução e no uso da língua, ou seja, de forma diacrônica ou sincrônica, contribuem na compreensão da dinamicidade da língua em se transformar e a entender suas variáveis como marcas so-

ciolinguísticas de todo falante da língua. As marcas linguísticas e sociais de uma comunidade de fala permite identificá-la e diferenciá-la de outras. A língua, a sociedade e a cultura são interligadas e as mudanças sociais e culturais são refletidas em sua estrutura linguística.

5. *Análise das tirinhas de Chico Bento*

As tirinhas da Turma da Mônica e da Turma do Chico Bento, de Mauricio de Souza, fazem sucesso entre crianças e adolescentes, pois possuem uma linguagem de fácil entendimento e carregam histórias regadas de assuntos pertinentes à sociedade. Nas tirinhas do Chico Bento temos a riqueza do dialeto caipira na fala dos personagens, que são ricas em metaplasmos encontrados nesse dialeto.

Nas tirinhas de Chico Bento, podemos observar certas passagens que demonstram o preconceito linguístico que ele sofre por pertencer a uma comunidade de fala com menor prestígio social. Analisando algumas tirinhas, conseguimos entender o sentimento de desvalorização que ocorre com o personagem.

A tirinha a seguir mostra o preconceito acontecendo em um lugar onde ele deveria ser extinto. O aluno, representado pelo personagem Chico Bento, sendo erroneamente “corrigido” pela professora que deveria explicá-lo formas também adequadas a outras situações.

Imagem 1. Tirinha 1.



Fonte: <http://preconceitos-linguisticos.blogspot.com/2012/04/chico-bento.html>.

Analisando a tirinha do Chico Bento, encontramos alguns meta-

plasmos que são comuns no dialeto caipira. O metaplasmo que ocorre na transformação do ‘qual’ em ‘quar’ é o rotacismo. Em ‘nota’, no primeiro balão, a palavra não segue a flexão da frase e com a perda do ‘s’, ocorre apócope, supressão do último segmento sonoro. No segundo quadrinho encontramos o ‘i’ e o ‘qui’ substituindo, respectivamente, ‘e’ e ‘que’, ocasionando assim metafonia, pela alteração de timbre. Ainda no mesmo balão, temos a expressão ‘vô’ na posição de ‘vou’, ocorre a monotongação. De ‘saber’ para ‘sabê’ sofre apócope. Já a supressão que ocorre em ‘ocê’ é chamada aférese. Em ‘feiz’ temos a ocorrência da ditongação. Na fala da professora, o ‘pro’ em lugar de ‘para o’, ocorre o fenômeno de supressão conhecido como elisão.

Imagem 2. Tirinha 2.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/610941505703058130/>.

Nesta segunda tirinha, podemos observar o metaplasmo por transformação chamado metafonia. Ele é encontrado em ‘qui’ no lugar de ‘que’, ‘ninhuma’ no lugar de ‘nenhuma’ e ‘di’ no lugar de ‘de’. O ‘mais’ aparece com sentido de oposição, de acordo com o contexto no qual está inserido, portanto, ocorre o fenômeno da ditongação. Em ‘fazê’ temos a supressão conhecida como apócope com a queda do ‘r’ final. Já em ‘trabaiho’ encontramos a despalatização, metaplasmo fonológico por transformação no lugar de ‘trabalho’.

Chico Bento retrata a visão estigmatizada dos habitantes da zona rural. Sua fala é tida como errada por não seguir a norma padrão ensinada nas escolas. Um outro ponto a ser destacado, e que também reflete esse estereótipo do homem do campo, é a maneira como o personagem é caracterizado. Chico Bento é apresentado sempre com os pés descalçados, calça rasgada e com chapéu de palha. Essa caracterização denota também o preconceito social existente com essas pessoas. No quadrinho, a seguir, podemos verificar essas características.

Imagem 3. Tirinha 3.



Fonte: <https://cangurunews.com.br/a-turma-da-arvore-e-do-chico-bento-ajudam-voce-a-plantar-uma-arvore/>.

No quadrinho acima, na fala de Zé Lelé, há a ocorrência do rotacismo em “prantando” no lugar de plantando. O fenômeno da síncope pode ser verificado no apagamento da vogal pós-tônica da palavra árvore resultando na forma “árvre”. Tanto a fala de Zé Lelé quanto a de Chico Bento são marcadas por traços linguísticos que sugerem um fenômeno fonológico denominado de metafonía, este consiste no alteamento de timbre da vogal “e”, assim, temos “di” e não de, “isperança” no lugar de esperança. Cabe ressaltar que a metafonía pode ser realizada por qualquer falante, não sendo uma ocorrência exclusiva de moradores da zona rural.

6. Considerações finais

Compreender a importância das variações linguísticas auxilia no processo de aceitação da cultura de um povo e colabora com diminuição do preconceito linguístico.

Nas tirinhas de Chico Bento, de Maurício de Souza, encontramos algumas variações reconhecidas por grande parcela da população como pertencente ao falar “caipira”. As histórias servem para mostrar que cada comunidade de fala possui sua particularidade e seus falantes não podem sofrer preconceitos, pois fazem parte de um país de amplitudes continentais.

É importante reconhecer o caráter heterogêneo da língua para perceber as particularidades de cada comunidade de fala, entendendo que as variações praticadas por esses falantes não podem ser estigmatizadas ou menosprezadas pois refletem a identidade de uma parte da população brasileira. Além disso, esse reconhecimento permite compreender que há fatores internos e externos à língua que influenciam os diferentes falares. A diversidade linguística segue a gramática interna da língua e também é

influenciada por questões regionais, grau de escolaridade, contexto social, idade, sexo. Tais fatores são capazes de fazer o ouvinte reconhecer uma comunidade de fala e minimizar possíveis preconceitos que possam surgir.

Dessa forma, entendemos que não é aceitável julgamentos estereotipados sobre uma variedade linguística, uma vez que língua portuguesa não é uniforme, mas constituída de muitas variedades, existem diferentes modos de dizer a mesma coisa, refletindo, assim, a pluralidade linguística e cultural de seu povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. *O preconceito linguístico*. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BELINE, Ronald. Variação linguística. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRC, 2014.
- BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: Congresso de Letras da UERJ, 2, São Gonçalo. *Anais do II CLUERJ-SG*. São Gonçalo: UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/ii/completos/comunicacoes/isabellelins/leite.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *Do campo para a cidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CAMARA JUNIOR, J. M. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

DUBOIS, J *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MARTINS, M. R. *Ouvir falar: Introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho, 1988.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, J. P. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2017.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.